

syno=0809454

tóides são atribuídas ao Ciclo Brasileiro. No segmento em questão, estes efeitos são detectados em toda a porção sul da Faixa Alto Rio Grande.

O limite com a Faixa Ribeira, a sul, é marcado por uma importante zona de falhas de empurrão (em parte já verticalizadas), a qual é responsável pela intercalação tectônica entre as rochas supracrustais da base do Grupo Andrelândia e seu embasamento, com os granulitos do Complexo Juiz de Fora. Esta zona de interdigitação tectônica se estende por todo o segmento em questão, com cerca de 30 Km de largura em mapa.

A sul desta zona de empurrões, ocorre um conjunto supracrustal com mármore e rochas ígneas tonalíticas e granodioríticas, denominado correntemente de Complexo Paraíba do Sul. Não existem ainda dados geocronológicos disponíveis para os litotipos deste complexo na área estudada. Entretanto, numa primeira análise, pode-se reconhecer esta área a sul da zona de empurrões como um domínio de intensa atuação do evento tectono-metamórfico Brasileiro.

"NAPPE" DE EMPURRÃO SOCORRO-GUAXUPÉ, TERRENO SUSPEITO DO PROTEROZOÍCO SUPERIOR

Mário da Costa Campos Neto*
*Instituto de Geociências
Universidade de São Paulo

A justaposição entre terrenos granulito-granito-migmatíticos sobre terrenos supracrustais com núcleos ortognaissicos é a principal feição do Proterozóico Superior no nordeste do Estado de São Paulo e sudoeste de Minas Gerais. Representa a articulação entre domínios geológicos contrastantes seja na tipologia do metamorfismo, seja nas associações magmáticas e são independentes na evolução estrutural e história tectônica.

Com referência paleogeográfica na borda sul do Cráton do São Francisco (CSF) e representando diferentes paleoambientes de uma margem continental passiva, a Faixa Alto Rio Grande (FARG) possui uma organização estrutural dada pelo empilhamento, para N-NW de "nappes" anticliniais, redobradas e desenvolvidas sob condições metamórficas de média pressão. Encontra-se sotoposta à "nappe" de Empurrão Socorro-Guaxupé (NESG), complexa escama crustal, com aloctonia aparente observada de 200 Km, que transporta, para NW, uma pilha metamórfica de unidades infracrustais a supracrustais com expressivo volume de granitóides. O deslocamento desta estrutura iniciou-se, pelo menos em sua base, no grau alto e sob condições de alta e alta-média pressão. Os estágios terminais de ascensão se deram no grau médio a baixo e sob baixa pressão.

A formação da crosta continental na borda sul do CSF admitiu a criação de dois reservatórios magmáticos originais (comportamento bimodal de crescimento do Sr radiogênico). Dois eventos de reciclagem crustal estão impressos no Proterozóico Inferior, com resfriamento do último a 1,7 B.a.. Um ciclo tectônico do Proterozóico Médio instala-se neste domínio. Suas rochas possuem um comportamento isotópico compatível com a erosão daquela crosta original, exceto materiais vulcanoclásticos, de curta residência crustal e isotopicamente independentes.

O Ciclo Tectônico Brasileiro/Pan-Africano está registrado no magmatismo da NESG. Uma série mangerítica (+ 900 Ma) marca o regime extensional de abertura. Batolitos calcio-álcalinos/alcali-cálcicos, em posição de Plateau Himalaiano e com relações isotópicas de contaminação crustal, refletem estágios de convergência de placas (+ 650 Ma). Deformações dúcteis, metamorfismo regional, espessamento crustal acompanhado por anatexia e plutonismo dos tipos I e S relacionam-se a colisão continental. A instalação da NESG sobre a FARG se deu neste período orogênico e representa processos crustais equivalentes a subdução do tipo A. Granitóides sub-álcalinos a alcalinos encerram as atividades deste ciclo (+ 590 Ma) e sugerem processos de fusão de chernokitos da base da nappe.

As relações isotópicas do magmatismo no interior da NESG são todas incompatíveis com uma derivação a partir da FARG, sugerindo que a história deste magmatismo envolveu domínios supracrustais distantes daquela paleo-margem continental. O conjunto destas relações pode caracterizar a NESG como um terreno suspeito em relação a FARG.

Congresso Brasileiro de Geologia, 36, 1990, Natal. Resumos.